

Lima Barreto

Clara dos Anjos

*Apresentação de*  
BEATRIZ RESENDE

*Introdução de*  
LÚCIA MIGUEL PEREIRA

*Prefácio de*  
SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

*Notas de*  
LILIA MORITZ SCHWARCZ  
PEDRO GALDINO

PENGUIN



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da apresentação © 2012 by Beatriz Resende  
Copyright da introdução © 2012 by espólio de Lúcia Miguel Pereira  
Copyright do prefácio © 2012 by espólio de Sérgio Buarque de Holanda  
Copyright das notas © 2012 by Lília M. Schwarcz e Pedro Galdino

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with  
Penguin Group (USA) Inc.

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA  
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO  
Carlos Alberto Bárbaro

REVISÃO  
Camila Saraiva  
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Barreto, Lima, 1881-1922.

Clara dos Anjos / Lima Barreto. — 1ª ed. — São Paulo :  
Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-63560-39-1

1. Ficção brasileira I. Título.

11-14101

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Apresentação — Beatriz Resende	9
Introdução — Lúcia Miguel Pereira	25
Prefácio — Sérgio Buarque de Holanda	35
Breve nota sobre as notas	49
 CLARA DOS ANJOS	 51
 <i>Cronologia</i>	 295
<i>Outras leituras</i>	298

Clara dos Anjos

O carteiro Joaquim dos Anjos não era homem de serestas e serenatas; mas gostava de violão e de modinhas.<sup>3</sup> Ele mes-

3 Surgida em Portugal e transportada para o Brasil no século XVIII, a modinha permaneceu em destaque no cenário musical nacional até meados do século XX. No Brasil, a música lírica e sentimental dos salões sofreu grande influência, sendo considerada por muitos a primeira manifestação musical popular originalmente brasileira. Conservando traços de sua origem erudita, a adaptação feita aqui ganhou características próprias. É esse fato que explica o sucesso das modinhas do padre brasileiro Domingos Caldas Barbosa (Rio de Janeiro, c. 1739 — Lisboa, 1800) na Corte de d. Maria I, em Portugal, já no século XVIII. A modinha era cantada com acompanhamento de violão, dispensando o cravo e o piano. Em outros romances de Lima Barreto, a modinha também aparece, como em *Numa e a ninfa* e *Memórias do escrivo Isaiás Caminha*. Mas é em *Triste fim de Policarpo Quaresma* que surge realçada como elemento cultural da sociedade brasileira no início do século XX. O personagem Ricardo Coração dos Outros é exímio violonista e cantor de modinhas, muito requisitado pela “alta sociedade” suburbana. Naquele romance, ele é professor de violão do major Quaresma, notório patriota que defendia o estilo de canção — “A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede” (*Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2011, pp. 75-6).

mo tocava flauta, instrumento que já foi muito estimado em outras épocas, não o sendo atualmente como outrora.<sup>4</sup> Os velhos do Rio de Janeiro, ainda hoje, se lembram do famoso Calado<sup>5</sup> e das suas polcas, uma das quais — “Cruzes, minha prima!” — é uma lembrança emocionante para os cariocas que estão a roçar pelos setenta. De uns tempos a esta parte, porém, a flauta caiu de importância, e só um único flautista dos nossos dias conseguiu, por instantes, reabilitar o mavioso instrumento — delícia, que foi, dos nossos pais e avós. Quero falar do Patápio Silva.<sup>6</sup> Com a

4 No início do século xx, a execução da flauta começava a sofrer uma queda de importância em nítido favor do violão. Contudo, não foi excluída do cenário musical. O violão era tido como instrumento inferior em comparação à flauta, tornando-se cada vez mais popular entre as camadas mais humildes da sociedade. Citando a dicotomia entre esses instrumentos, Lima Barreto propõe a convivência próxima de gostos de uma cultura de elite e de uma cultura popular à margem. A vulgarização do violão se inicia nos anos 1870, quando Joaquim Antonio da Silva Calado, professor de flauta da Academia Imperial de Belas Artes, formou o grupo Choro Carioca, em que se destacava o acompanhamento de violões. Foi com o início da gravação de discos no Brasil, no ano de 1902, que o violão ganhou definitivamente sua primazia.

5 Joaquim Antônio da Silva Calado Júnior (Rio de Janeiro, 1848-1880), compositor e flautista brasileiro. Professor de flauta no Conservatório de Música, foi considerado o maior flautista de seu tempo e um dos principais músicos de fins do século xix. Foi um dos responsáveis pelo estabelecimento de um novo estilo de interpretação no cenário musical nas últimas duas décadas do xix: o choro. Dono de muitos êxitos musicais, entre eles destaca-se a polca “Cruzes, minha prima!”, publicada em 1875, uma das músicas de maior sucesso do final do século xix.

6 Flautista e compositor brasileiro (Itacoara, Rio de Janeiro, 1880 — Florianópolis, 1907), já despontava como exímio músico nos tempos de estudante do Instituto Nacional de Música em curso que, previsto para seis anos, concluiu em apenas dois.

morte dele a flauta voltou a ocupar um lugar secundário como instrumento musical, a que os doutores em música, quer executantes, quer os críticos eruditos, não dão nenhuma importância. Voltou a ser novamente plebeu.

Apesar disso, na sua simplicidade de nascimento, origem e condição, Joaquim dos Anjos acreditava-se músico de certa ordem, pois, além de tocar flauta, compunha valsas, tangos e acompanhamentos de modinhas.

Uma polca sua — “Siri sem unha” — e uma valsa — “Mágoas do coração”<sup>7</sup> — tiveram algum sucesso, a ponto de vender ele a propriedade de cada uma, por cinquenta mil-réis,<sup>8</sup> a uma casa de músicas e pianos da rua do Ouvidor.<sup>9</sup>

---

Gravou seu primeiro disco em 1904, na mesma época em que terminou suas primeiras composições, que se tornariam referências no repertório flautístico e das quais se destacam “Variações de flauta”, as valsas “Primeiro amor” e “Amor perdido”, a mazurca “Margarida”, a romança “Serenata de amor” e a polca “Zinha”. Em que pese a sugestão que faz Lima Barreto de um decréscimo da influência da flauta na produção musical após a morte de Calado Júnior, José Ramos Tinhorão informa que esta permaneceu popular na produção musical, o que seria atestado por nomes como os de Pixinguinha (1897-1973), Benedito Lacerda (1903-68) e Dante Santoro (1904-69) (*A música popular no romance brasileiro*. Vol. II: Século XX, 1ª parte. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 43)

7 Não há registro dessas duas músicas na Biblioteca Nacional.

8 Por 50 mil-réis, era anunciado no *Jornal do Commercio*, em 18 de dezembro de 1921 (mês em que Lima Barreto iniciou a redação deste romance), “à rua Conde de Bonfim [no bairro da Tijuca] um sólido e bem situado prédio de 11 x 41, esplêndida residência, em centro de terreno, com 3 salas, 5 quartos e porão habitável”.

9 Não foi encontrado registro de uma loja como essa na rua do Ouvidor, mas a referência parece correta, pois como o piano era uma verdadeira voga, deveria ficar bem em tal rua.

O seu saber musical era fraco; adivinhava mais do que empregava noções teóricas que tivesse estudado.

Aprendeu a “artinha”<sup>10</sup> musical na terra do seu nascimento, nos arredores de Diamantina, em cujas festas de igreja a sua flauta brilhara, e era tido por muitos como o primeiro flautista do lugar. Embora gozando desta fama animadora, nunca quis ampliar os seus conhecimentos musicais. Ficara na “artinha” de Francisco Manuel,<sup>11</sup> que sabia de cor; mas não saía dela, para ir além.

Pouco ambicioso em música, ele o era também nas demais manifestações de sua vida. Desgostoso com a existência medíocre na sua pequena cidade natal, um belo dia, aí pelos seus vinte e dois anos, aceitara o convite de um engenheiro inglês que, por aquelas bandas, andava, a explorar terras e terrenos diamantíferos. Todos julgavam que o “seu” *mister*<sup>12</sup> andasse fazendo isso; a verdade, porém, é que o sábio inglês fazia estudos desinteressados. Fazia puras e platônicas pesquisas geológicas e mineralógicas. O diamante não era o fim dos seus trabalhos; mas o povo, que teimava em ver, pelos arredores da cidade, o ventre da terra cheio de diamantes, não podia supor que

10 O diminutivo da palavra “arte” remete aqui ao manual didático de rudimentos elementares sobre alguma área do conhecimento.

11 Francisco Manuel da Silva (Rio de Janeiro, 1795 — 1865), compositor, regente, professor e multi-instrumentista brasileiro. Foi um dos principais compositores eruditos do Império e pertenceu à Ordem da Imperial Câmara e Capela. Autor da melodia patriótica em comemoração à abdicação de dom Pedro 1, que se transformou no Hino Nacional, além de lundus, modinhas, valsas, hinos e quadrilhas. Sua composição mais famosa foi o “Lundu da marrequinha”, com letra do livreiro e editor Francisco de Paula Brito, publicada em 1853.

12 O escritor conjuga a forma nacional e costumeira de se referir a “senhor” à forma abasileirada do mesmo tratamento em língua inglesa.



um inglês que levava a catar pedras, pela manhã e até à noite, tomando notas e com uns instrumentos rebarbativos, não estivesse com tais gatimonhas<sup>13</sup> a caçar diamantes. Não havia meio do *mister* convencer à simplória gente do lugar que ele não queria saber de diamantes; e dia não havia em que o súdito de Sua Graciosa Majestade não recebesse uma proposta de venda de terrenos, em que forçosamente havia de existir a preciosa pedra abundantemente, por tais ou quais indícios, seguros aos olhos de “garimpeiro” experimentado.

Logo ao chegar o geólogo, Joaquim empregou-se como seu pajem, guia, encaixotador, servente etc., e tanto foi obediente e serviu a contento o sábio, que este, ao dar por terminadas as suas pesquisas, convidou-o a vir ao Rio de Janeiro, encarregando-se de movimentar a sua pedregulhenta ou pedregosa bagagem, até que ela fosse posta a bordo. O sábio comprometeu-se a pagar-lhe a estadia no Rio, o que fez, até embarcar-se para a Europa.

Deu-lhe dinheiro para voltar, um chapéu de cortiça, umas perneiras, um cachimbo e uma lata de fumo Navy Cut; Joaquim já se havia habituado ao Rio de Janeiro, no mês e pouco em que estivera aqui, a serviço do senhor John Herbert Brown, da Real Sociedade de Londres; e resolveu não voltar para Diamantina. Vendeu as perneiras num belchior<sup>14</sup> e o chapéu de cortiça também; e pôs-se a fumar o saboroso fumo inglês no cachimbo que lhe fora ofertado, passeando pelo Rio, enquanto teve dinheiro. Quando acabou, procurou conhecidos que já tinha; e, em breve, entrou para o serviço de empregado de escritório de um grande advogado, seu patrício, isto é, mineiro.

— Não te darei coisa que valha a pena — disse-lhe logo

13 A mesma coisa que sinais feitos com as mãos, trejeitos, momices.

14 Mercador de objetos usados.

o doutor — mas aqui irás travando conhecimentos e podes arranjar coisa melhor mais tarde.

Viu bem que o “doutor”<sup>15</sup> lhe falava a verdade, e toda sua ambição se cifrou em obter um pequeno emprego público que lhe desse direito a aposentadoria e a montepio,<sup>16</sup> para a família que ia fundar. Consequira, ao fim de dois anos de trabalho, aquele de carteiro, havia bem quatro lustros, com o qual estava muito contente e satisfeito da vida, tanto mais que merecera sucessivas promoções.

Casara meses depois de nomeado; e, tendo morrido sua mãe, em Diamantina, como filho único, herdara-lhe a casa e umas poucas terras em Inhaí, uma freguesia daquela cidade mineira. Vendeu a modesta herança e tratou de adquirir aquela casita nos subúrbios<sup>17</sup> em que ainda

15 Lima Barreto coloca “doutor” entre aspas, por conta de sua conhecida ironia para com essa mania nacional de qualquer um se chamar, facilmente, de doutor. Seja pela posse de um título superior ou até mesmo sem diploma. Observava que era uma voga republicana. Se antes a elite era nobiliárquica, agora era feita de “doutores”. O aumento dos que ostentavam tal título seria um flagelo, segundo Lima Barreto, a ponto de se constituir “uma espécie de teocracia doutoral”. A avidez pelo status dessa categoria fazia com que manipulassem emblemas que passavam a simbolizar sua posição elevada na nova hierarquia social: anéis acadêmicos, fraques, cartolas, chapéus-coco, bengalas com adereços de ouro e prata, relógios com correntes vistosas, *pince-nez*, peles, polainas, joias, roupas importadas, modos afetados, linguagem rebuscada e toda sorte de pequenos sinais que os distinguiam dos demais.

16 Pensão paga por associação mutualista em que cada sócio contribuía mensalmente com certa quantia e, dessa maneira, adquiria direitos como o de subsídio em caso de doença e à sua família o direito à mesma pensão.

17 O escritor era ele mesmo morador da região do subúrbio. Na época em que escrevia o romance tinha sua casa em Todos os Santos, e sempre manteve relação ambivalente com a re-

morava e era dele. O seu preço fora módico, mas, mesmo assim, o dinheiro da herança não chegara, e pagou o resto em prestações. Agora, porém, e mesmo há vários anos, estava em plena posse do seu “buraco”, como ele chamava a sua humilde casucha. Era simples. Tinha dois quartos; um que dava para a sala de visitas e outro para a sala de jantar, aquele ficava à direita e este à esquerda de quem entrava nela. À de visitas, seguia-se imediatamente a sala de jantar. Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, onde estavam a cozinha e uma despensa

---

gião, entre a crítica e a apreciação. “Subúrbio” era termo originalmente empregado para designar arrabaldes e vizinhanças que circunscreviam a região central de uma cidade. Na virada do século XIX para o XX, o termo passa a designar os bairros populares que se situavam ao longo das linhas férreas Auxiliar, Leopoldina, Rio do Ouro e da Central (antiga D. Pedro II), na zona norte e oeste do Rio de Janeiro. Ainda no século XIX, bairros próximos à região central do Rio de Janeiro, que hoje não se enquadram na categoria “subúrbio”, eram assim denominados. É o caso de Catumbi, Catete, Glória e Botafogo. Isso porque o termo não mais designava apenas bairros periféricos do centro, mas os bairros cortados pelas ferrovias e com população predominantemente menos favorecida. A partir de 1906 processou-se rápida expansão urbana no Rio de Janeiro. A reforma urbana do prefeito Pereira Passos implicou na destruição de bairros proletários da área central da cidade, favorecendo o deslocamento populacional para essas áreas rurais. Desprovidos de qualquer política de habitação popular, os subúrbios passaram a representar uma área de exclusão socioespacial. A produção de um conceito carioca de subúrbio e sua perpetuação ia ao encontro do projeto republicano de distinção social e enquadramento espacial (Nelson Nóbrega Fernandes, in: *Revista da FAU UFRJ*, nº 2, p. 8, 2009). Em *Clara dos Anjos*, o subúrbio alcança estatuto de personagem se não central, pelo menos dos mais destacados.

minúscula. Comunicava-se esse puxadito<sup>18</sup> com a sala de jantar por uma porta; e a despensa, à esquerda, apertava o puxado, a jeito de um curto corredor, até à cozinha, que se alargava em toda a largura dele. A porta que o ligava à sala de jantar ficava bem junto daquela, por onde se ia dessa sala para o quintal. Era assim o plano da propriedade de Joaquim dos Anjos.

Fora do corpo da casa, existia um barracão para banheiro, tanque etc., e o quintal era de superfície razoável, onde cresciam goiabeiras, dois pés ou três de laranjeiras, um de limão-galego, mamoeiros e um grande tamarineiro copado, bem aos fundos.

A rua em que estava situada a sua casa desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central<sup>19</sup> para a longínqua e

18 Até hoje, muitas casas do subúrbio carioca guardam esse tipo de divisão, com seus inúmeros “puxadinhos”. Trata-se de pequenas construções de cômodos ligadas a uma estrutura principal, feitas sem exigências estéticas e acabamento formal, pois sua existência é puramente funcional.

19 Lima se refere aqui aos trilhos de trem da Estrada de Ferro Central do Brasil, inaugurada em 29 de março de 1858. Então nomeada Estação de Ferro D. Pedro II, ela ligava o centro da cidade do Rio de Janeiro até os subúrbios das zonas norte e oeste. Inicialmente ia diretamente até Maxambomba (Nova Iguaçu), sem parar pelo subúrbio. A partir de 1861, foram construídas as estações da linha dos subúrbios, à medida que os habitantes se deslocavam da área urbana da Corte para a vastidão suburbana (*Meios de transporte no Rio de Janeiro: história e legislação*, de Francisco Agenor Noronha Santos. Vol. 1, pp. 352-60). Usuário do meio de transporte, parecia se inspirar nos passageiros cujas feições, casos e conversas anotava em seus diários. “Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel: é o centro, é o eixo dessa vida. Antigamente, quando ainda não havia por

habitada freguesia de Inhaúma.<sup>20</sup> Carroções, carros, autocaminhões que, quase diariamente, andam por aquelas bandas a suprir os retalhistas<sup>21</sup> de gêneros que os atacadistas lhes fornecem, percorriam-na do começo ao fim, indicando que tal via pública devia merecer mais atenção da edilidade.

Era uma rua sossegada e toda ela, ou quase toda, edificada ao gosto antigo do subúrbio, ao gosto do *chalet*.<sup>22</sup>

---

aquelas bandas jardins e cinemas, era o lugar predileto para os passeios domingueiros das meninas casadouras da localidade e dos rapazes que querem casar, com vontade ou sem ela” (“A estação”, in: *Gazeta de Notícias*, 6 de outubro de 1921). Serviam-lhe de matéria as diferenças sociais suscitadas nesse espaço, as estações e os trens, frequentados por pessoas humildes e pela fina flor da aristocracia dos subúrbios. Por exemplo, em outro artigo, Lima observa que os próprios condutores de trem, em certas ocasiões, “desconfiam das origens raciais de certos viajantes: será negro ou não?” (“Coisas americanas II”, in: *O Debate*, 27 de outubro de 1917).

20 O bairro de Inhaúma está ligado a diversos outros do subúrbio, como Pilares, Engenho de Dentro, Cachambi e Olaria. O bairro corresponde a uma das antigas freguesias do Rio de Janeiro, a freguesia de Inhaúma. A urbanização de Inhaúma foi processada a partir de 1870, devido à valorização das terras da antiga freguesia ocasionada pela instalação da Estrada de Ferro D. Pedro II, que alcançava o longínquo subúrbio. Nele havia um dos principais cemitérios do Rio de Janeiro, que foi alvo de críticas de Lima Barreto devido às péssimas condições de acesso até ele.

21 Vendedores varejistas de mercadorias diversas.

22 Lima Barreto comenta em várias crônicas sobre o aspecto “caótico” da arquitetura suburbana. Ironizava particularmente os chalés nada adaptados aos trópicos brasileiros. No Rio de Janeiro, os ingleses se concentraram principalmente na enseada de Botafogo, no Catete, Laranjeiras, Glória e Cosme Velho. Contudo, a influência da arquitetura inglesa estendeu-se pelos subúrbios das zonas norte e oeste da cidade. O paisa-